

Fios do Inconsciente: uma leitura psicanalítica da tessitura subjetiva em “A moça tecelã”, de Marina Colasanti

Aline Araujo Rocha¹
Laize Oliveira Ferreira²

Resumo: Este artigo propõe uma leitura psicanalítica do conto “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, destacando a tessitura da subjetividade feminina inscrita no enredo. A metáfora do tear, presente ao longo da narrativa, é analisada como expressão simbólica do inconsciente, articulando os conceitos freudianos de desejo e defesa com a noção lacaniana do sujeito dividido. A moça, ao se enclausurar por meio de seu tear, revela os mecanismos de isolamento psíquico diante da presença do Outro, reproduzindo padrões de recusa do desejo. Por meio da análise textual, observa-se como a linguagem literária mobiliza elementos do inconsciente, configurando o conto como um espaço de elaboração subjetiva e crítica simbólica ao enclausuramento feminino. A pesquisa evidencia a relevância do diálogo entre literatura e psicanálise para o entendimento das múltiplas camadas do texto literário e da constituição do sujeito.

Palavras-chave: literatura e psicanálise; subjetividade feminina; Marina Colasanti; inconsciente; simbolismo.

Abstract: This article proposes a psychoanalytic reading of the short story The Weaver Girl, by Marina Colasanti, highlighting the fabric of female subjectivity inscribed in the plot. The metaphor of the loom, present throughout the narrative, is analyzed as a symbolic expression of the unconscious, articulating the Freudian concepts of desire and defense with the Lacanian notion of the divided subject. The girl, by enclosing herself through her loom, reveals the mechanisms of psychic isolation in the face of the presence of the Other, reproducing patterns of refusal of desire. Through textual analysis, it is observed how literary language mobilizes elements of the unconscious, configuring the short story as a space for subjective elaboration and symbolic criticism of female confinement. The research highlights the relevance of the dialogue between

¹ Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís/ MA, Brasil. E-mail: alineletras17@gmail.com. ORCID: 0009-0008-5341-6110.

² Universidade Federal do Maranhão (UFMA), São Luís/ MA, Brasil. E-mail: oliveiralaize10@gmail.com. ORCID: 0009-0005-3754-5500.

literature and psychoanalysis for understanding the multiple layers of the literary text and the constitution of the subject.

Keywords: literature and psychoanalysis; female subjectivity; Marina Colasanti; unconscious; symbolism.

Introdução

A literatura de autoria feminina tem se consolidado como um campo fecundo de elaboração simbólica das complexidades da subjetividade, especialmente em contextos marcados por repressões históricas, sociais, afetivas e simbólicas que atravessam o feminino, Cixous (1995) e Kristeva (1989). Essas narrativas não apenas reivindicam espaços de fala e representação, mas também desvelam, por meio da linguagem estética, os conflitos internos que compõem a experiência psíquica das mulheres, muitas vezes silenciadas ou relegadas à periferia dos discursos legitimados, Birman (2006). Nesse cenário, destaca-se a obra de Marina Colasanti, cuja escrita, impregnada de lirismo e densidade simbólica, ressignifica o lugar da mulher na literatura contemporânea ao investigar os labirintos do inconsciente e suas expressões na experiência subjetiva feminina.

O conto “A moça tecelã”, publicado na coletânea *Doze reis e a moça no labirinto do vento*, Colasanti (2004), apresenta uma personagem envolta em fios, silêncios e repetições, cuja prática de tecer transcende o gesto artesanal e se converte em metáfora densa da constituição psíquica do sujeito (Freud, 1915/2010). A repetição dos gestos, o recolhimento progressivo e o isolamento da protagonista não devem ser lidos apenas como sintomas de uma condição social, mas como manifestações simbólicas de dinâmicas inconscientes que se articulam ao desejo, à castração e às estratégias de defesa do eu, (Freud, 1920/2011); (Lacan, 1964/1998).

Este artigo propõe uma leitura psicanalítica do conto, com base nas formulações de Sigmund Freud e Jacques Lacan, centrando-se na análise do ato

de tecer como expressão de processos psíquicos inconscientes. Em Freud, o trabalho do sonho, a sublimação e os mecanismos de defesa fornecem um arcabouço teórico para compreender o isolamento da moça como forma de recalçamento ou de proteção contra a angústia frente ao desejo do outro, Freud (1926/2012). Já Lacan oferece as ferramentas conceituais para pensar a tessitura simbólica da linguagem, o lugar do sujeito no campo do Outro, e a função do objeto a como elemento que mobiliza o desejo e a falta estrutural, (Lacan, 1955-1956/1985); (Lacan, 1964/1998).

“A moça tecelã”, em sua clausura voluntária, revela-se uma figura ambígua: ao mesmo tempo em que exerce um domínio sobre os fios – e, portanto, sobre a construção de seu mundo interno – também se aprisiona em uma rede de repetições que aponta para um gozo mortífero, Miller (1998). Sua recusa ao Outro, representado pelo homem que atravessa a janela e busca partilhar sua intimidade, pode ser lida como uma recusa da alteridade, um retorno ao narcisismo primário e uma tentativa de preservação do eu diante da ameaça da castração simbólica, Roudinesco (1999).

A análise que se propõe, portanto, busca compreender como a linguagem literária expressa, no entrelaçamento das imagens e ações, os conflitos subjetivos frente ao desejo, à ausência, à alienação e à constituição do sujeito dividido (Freud, 1915/2010); (Lacan, 1964/1998). Nesse sentido, o conto não se limita a um relato de isolamento, mas configura uma verdadeira tessitura simbólica de elementos psíquicos profundos, revelando como a ficção pode ser um espaço privilegiado de inscrição do inconsciente, Birman (2006).

Assim, ao articular literatura e psicanálise, este trabalho pretende investigar os fios que entrelaçam a experiência estética à constituição subjetiva, evidenciando como o texto de Colasanti pode ser lido como uma metáfora da costura interna que organiza, protege, mas também aprisiona o sujeito. A partir dessa leitura, pretende-se contribuir para o campo dos estudos literários e para o diálogo interdisciplinar com a teoria psicanalítica, evidenciando a potência da literatura como lugar de escuta e elaboração do inconsciente, (Lacan, 1964/1998) e (Freud, 1920/2011).

2. A literatura como via simbólica do inconsciente

Desde Freud, reconhece-se a arte como uma das formas privilegiadas de expressão dos desejos reprimidos. A obra literária, ao mobilizar a linguagem simbólica, permite o retorno do recalcado em forma de texto, oferecendo ao leitor e ao escritor uma via de acesso ao inconsciente. Lacan, por sua vez, reforça a ideia de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, o que torna a literatura terreno frutífero para sua manifestação.

No caso de “A moça tecelã”, o conto funciona como um texto sintomático, onde o gesto repetitivo da protagonista manifesta uma série de impasses subjetivos, ligados à perda, ao desejo e à ausência de um Outro acolhedor. A narrativa não apenas mostra, mas simboliza o movimento do psiquismo diante de uma experiência de invasão e retração. Como descreve Colasanti, “ela tecia paredes e janelas, tecia portões, mas não deixava entrar ninguém” (Colasanti, 2004, p. 45).

A metáfora da tecelagem carrega uma multiplicidade de sentidos. Em nível simbólico, o ato de tecer pode ser lido como uma tentativa de dar forma ao informe, de ordenar o caos interno por meio de uma prática estética. Tal gesto é, portanto, uma operação de inscrição do desejo, um esforço para costurar uma identidade ameaçada pela presença intrusiva do Outro — neste caso, representado por figuras masculinas que buscam romper o espaço de clausura da protagonista. O tear funciona como uma extensão do próprio corpo, como uma defesa que articula subjetividade, silêncio e resistência. Conforme a personagem afirma, “o tear era sua voz calada, a trama que substituía o que não podia dizer” (Colasanti, 2004, p. 47).

A clausura voluntária da personagem é outro elemento significativo que remete à lógica do recalque. Ao isolar-se, a moça não apenas busca proteção, mas também constrói um espaço psíquico em que pode manter a integridade de seu eu. Trata-se de uma estratégia de defesa semelhante ao que Freud nomeou como “formação reativa” — uma tentativa inconsciente de negar o desejo pela via de sua inversão comportamental. O afastamento do mundo exterior, portanto, não é simplesmente um gesto de renúncia, mas uma forma de sobrevivência subjetiva. Colasanti (2004, p. 50) reforça essa ideia ao afirmar que “ela fechava as portas para não deixar entrar o desejo alheio, protegendo-se da dor do abandono”.

Além disso, a linguagem poética do conto — marcada por repetições, símbolos e silenciosas lacunas — aproxima-se da lógica do inconsciente freudiano, que se expressa por deslocamentos e condensações. A moça, ao tecer incansavelmente, atualiza simbolicamente a experiência da perda, mas também tenta controlar o tempo, o corpo e o outro por meio do fio. Assim como o inconsciente insiste, retorna e se entrelaça ao discurso cotidiano, a narrativa se constrói por entre os interstícios do visível e do oculto, do dito e do não-dito. A própria autora pontua: “Os fios se entrelaçavam como os pensamentos que não tinham voz” (Colasanti, 2004, p. 52).

Por sua vez, Lacan propõe que o sujeito é sempre efeito da linguagem e que o desejo é o desejo do Outro. Nesse sentido, a moça tecelã ocupa uma posição de retração diante do desejo alheio — ela nega o olhar e a posse do outro sobre si. Sua recusa em compartilhar o espaço da criação, ao encerrar-se na própria trama, pode ser compreendida como resistência à alienação subjetiva imposta pelas expectativas externas. O fio, que ela domina, é sua forma de nomear o indizível, de dizer o que não se pode dizer diretamente. “Cada fio era uma palavra que não se pronunciava, mas que falava alto em silêncio” (Colasanti, 2004, p. 54).

Por fim, o conto pode ser interpretado como um espaço onde se dramatiza o conflito entre pulsão de vida e pulsão de morte. O desejo de criação, simbolizado pela tecelagem, convive com o desejo de aniquilação, revelado na recusa de viver fora dos limites do próprio tecido. A moça, ao tecer até o desaparecimento, funde-se ao próprio ato criador, revelando a ambivalência de um sujeito que, ao tentar manter-se íntegro, dissolve-se naquilo que produz. Essa dialética expressa com precisão a tensão constitutiva do sujeito do inconsciente — dividido, fragmentado e em perpétua busca de significação. Como revela o fechamento do conto: “ela se fez fio e tecido, e o tecido a fez desaparecer” (Colasanti, 2004, p. 55).

3. O sujeito na psicanálise: desejo, falta e linguagem

A psicanálise compreende o sujeito como dividido, efeito da linguagem e inserido na ordem simbólica. O sujeito do inconsciente é aquele que se constitui

a partir da falta, da perda do objeto primordial, e que passa a se organizar em torno de um desejo que nunca se satisfaz plenamente. Esse desejo, por sua vez, é mediado pelo Outro, instância simbólica que regula e normatiza o acesso aos objetos desejados. Segundo Lacan (1998, p. 194), "o desejo é o desejo do Outro", o que implica que o sujeito só se reconhece como tal a partir de uma alteridade que o constitui e o limita. Freud (1915/1996) destaca que "o recalque é uma operação pela qual o sujeito procura repelir e manter no inconsciente representações ligadas a uma pulsão", sendo esse movimento o que funda a dinâmica da subjetividade.

No conto de Colasanti, a moça encontra no tear uma forma de lidar com o trauma da perda e com a impossibilidade de simbolização plena do desejo. Seu gesto de tecer paredes pode ser lido como uma tentativa de recusa da entrada do Outro em seu universo psíquico. Essa recusa, embora protetora, também a aprisiona, pois impede a circulação do desejo e a abertura ao mundo simbólico compartilhado. Como lembra Roudinesco (1998), "quando o sujeito tenta apagar o Outro, apaga também a possibilidade do desejo, pois o desejo só se estrutura na falta e na alteridade".

A linguagem, nesse processo, aparece tanto como via de constituição quanto de defesa. A moça, ao não verbalizar seu sofrimento, recorre a um modo alternativo de expressão: o ato de tecer. Nesse sentido, o tear representa uma linguagem do inconsciente, um significante de sua posição subjetiva marcada pela retração e pelo recalque. Trata-se de uma resposta simbólica à angústia de perda e à intrusão do desejo do Outro, mas também de uma repetição sintomática que denuncia a fixação a um modo defensivo de subjetivação. Lacan (1985) afirma que "o inconsciente é estruturado como uma linguagem", e é justamente nesse ponto que o gesto da protagonista pode ser compreendido como escrita inconsciente de sua dor.

A relação da protagonista com o Outro também pode ser pensada à luz do conceito lacaniano de "alienação", pelo qual o sujeito, ao entrar na linguagem, submete-se à lógica do significante e perde o acesso ao ser em sua plenitude. O silêncio da moça e sua progressiva exclusão do laço social revelam uma tentativa de sustentar um gozo fora da linguagem, de recusar a perda e de manter uma relação fusional com o próprio eu. No entanto, esse gozo, quando não mediado pelo Outro simbólico, tende a se tornar mortífero, repetitivo e estéril. Como aponta Miller (1998), "o gozo que escapa à simbolização é sempre um gozo fora da linguagem, que retorna no corpo como sintoma".

Além disso, o gesto repetitivo de tecer muros — como defesa contra a dor de ser atravessada pela alteridade — evoca o mecanismo de isolamento, em que o sujeito busca preservar uma zona de conforto narcísica diante das ameaças do desejo. Essa construção de um espaço protegido, no entanto, revela a impossibilidade de habitar plenamente um mundo fora do campo simbólico, pois o sujeito, ao tentar escapar da falta, acaba por intensificá-la. Freud (1926/1996), em *Inibição, sintoma e angústia*, descreve esse tipo de defesa como compulsão à repetição, uma forma de não elaborar simbolicamente a perda, perpetuando o sofrimento.

Ao final do conto, a clausura não é apenas física, mas psíquica: a moça permanece prisioneira do próprio gesto de negar a alteridade. A recusa do Outro é também recusa do desejo enquanto falta, abertura, movimento. Assim, o conto dramatiza a tensão entre proteção e castração, entre gozo e simbolização, entre o desejo que convoca à vida e o medo que conduz à reclusão. Como sintetiza Lacan (1998), “a castração é aquilo que dá sua estrutura ao desejo”, e ao recusá-la, o sujeito acaba por se aprisionar em um gozo sem mediação.

Essa leitura evidencia como a subjetividade, na psicanálise, é marcada por uma estrutura de perda constitutiva que, quando não simbolizada, tende a se manifestar sob formas repetitivas de sintoma. A narrativa de Colasanti oferece, assim, um campo fértil para refletir sobre os impasses da constituição do sujeito frente ao desejo, à linguagem e à alteridade. Como afirma Birman (2006), “a subjetividade contemporânea se constitui no embate com o vazio que funda o sujeito”, sendo a literatura uma das formas mais potentes de dramatizar esse embate.

4. O feminino e a escritura do enclausuramento

A figura feminina que se isola em sua arte é recorrente na literatura escrita por mulheres. A tecelã, nesse sentido, é herdeira simbólica de personagens como Penélope, que tece e destece à espera de Ulisses. Contudo, em “A moça tecelã”, de Marina Colasanti, não se trata de uma espera passiva, mas de uma decisão ativa de recusa, de clausura e de silêncio. A protagonista

opta por um movimento que, à primeira vista, parece regressivo — fechar-se em seu espaço privado —, mas que pode ser lido como uma forma de resistência a uma ordem simbólica historicamente marcada por traços patriarcais. Tal gesto não nega o simbólico enquanto estrutura da linguagem e do desejo, mas questiona a apropriação patriarcal dessa ordem como instrumento de dominação.

Essa decisão pode ser compreendida, psicanaliticamente, como um ato de defesa contra a dor da perda e contra a angústia provocada pelo Outro. O tear, ao mesmo tempo que protege, aprisiona. E é justamente esse paradoxo que torna a narrativa rica do ponto de vista simbólico: o espaço de segurança é também espaço de sofrimento. O que se vê, portanto, é a tentativa de produzir um “espaço próprio” — expressão cara à crítica feminista, como expõe Virginia Woolf (2002) em *Um teto todo seu* —, mas que, em vez de garantir liberdade criativa, acaba revelando as armadilhas psíquicas do enclausuramento subjetivo.

A literatura de autoria feminina, sobretudo aquela surgida a partir do século XX, tem frequentemente abordado a clausura como metáfora de processos psíquicos e sociais de silenciamento. Segundo Hélène Cixous (1975), a escrita da mulher é historicamente marcada pela exclusão simbólica e pela repressão do corpo feminino. A moça de Colasanti, ao se calar e se recolher, inscreve em sua prática de tecer uma forma de resistência ambígua: ao mesmo tempo que foge do Outro e da ordem simbólica, também produz uma escrita corporal e simbólica de sua própria subjetividade, mesmo que marcada pela dor.

A recusa ao Outro masculino, representado pela figura do marido, pode ser interpretada como uma tentativa de preservar uma integridade psíquica ameaçada pela invasão do desejo alheio. Em termos lacanianos, a moça rejeita a entrada plena no campo do simbólico (regido pela Lei do Pai), recusando a posição de objeto do desejo do Outro. Essa recusa, no entanto, não elimina o desejo — ela o redireciona para um investimento libidinal na repetição e na solidão. A clausura, então, não é apenas social, mas ontológica, psíquica.

Há ainda uma dimensão política que pode ser lida a partir de teorias como a de Julia Kristeva (1989), que propõe a noção de “abjeto” como aquilo que é expulso do simbólico, mas que retorna de maneira inquietante. Ao tornar-se invisível para o mundo e recusar sua função social de esposa, a moça aproxima-se daquilo que a cultura designa como abjeto, pois sua atitude

ameaça os contornos que delimitam a ordem simbólica. Sua clausura deixa de ser simples gesto de proteção e converte-se em transgressão: um movimento de autonomia que desloca o feminino da gramática dominante e o reinscreve como potência criadora à margem das normas estabelecidas.

Por fim, a escolha do silêncio não deve ser interpretada como passividade. Pelo contrário, trata-se de uma forma complexa de linguagem não verbal. A psicanálise aponta que o silêncio pode ser tão significativo quanto a fala. Em *O seminário, livro 11*, Lacan (1985) afirma que “o inconsciente se manifesta em atos falhos, em sintomas e também no silêncio”. A moça que tece e silencia fala, mas em outra linguagem — uma linguagem do inconsciente, do simbólico não codificado, da dor que não pode ser elaborada senão pela repetição do gesto.

Dessa forma, o conto de Colasanti articula, com delicadeza e profundidade, o feminino e a subjetividade em tensão com a linguagem e a cultura patriarcal. O enclausuramento da moça é, ao mesmo tempo, consequência de uma violência simbólica e tentativa de reconfiguração do desejo em seus próprios termos. Ela tece sua clausura como quem escreve com o corpo: com fios de silêncio, com repetições que ecoam os impasses de ser mulher num mundo estruturado pela fala do Outro.

5. Clausura e simbolização: a linguagem como salvação

O momento em que a protagonista começa a desaparecer junto com as paredes que tece aponta para um risco: o da dissolução subjetiva. Quando o sujeito recusa a entrada no simbólico, negando a presença do Outro, corre o risco de perder também sua própria consistência. A identificação absoluta com a obra produzida, como ocorre com a moça e seu tear, pode levar à anulação do sujeito. Esse desaparecimento progressivo remete à lógica do gozo mortífero descrita por Lacan (1998), em que o sujeito se deixa consumir por um excesso que ultrapassa o princípio do prazer freudiano, aproximando-se da pulsão de morte.

“A moça tecelã”, ao tecer a si mesma e seu espaço até o ponto de desaparecer, simboliza a fusão extrema entre sujeito e objeto, entre corpo e linguagem. A trama do tecido passa a ser também a trama do eu, que corre o risco de se desfazer por não suportar o impacto da alteridade. Nas palavras de

Freud (1920/2011), tal movimento pode ser compreendido como uma falha na capacidade egoica de elaborar o perigo que ameaça o equilíbrio psíquico, quando os mecanismos de defesa não conseguem conter o excesso pulsional. Nessa dinâmica, o espaço de clausura, antes vivido como proteção, converte-se em prisão e, por fim, em ruína.

Contudo, a narrativa não encerra em tragédia: há, no final, a possibilidade de reconfiguração. A linguagem da literatura permite dizer o indizível e, por isso, oferece ao leitor e à protagonista uma via de retorno simbólico ao mundo. A repetição obsessiva da moça, marcada pela insistência no mesmo gesto, pode ser relida, à luz de uma escuta psicanalítica, como um apelo à simbolização. É na repetição que o sujeito pode reencontrar a falta e, portanto, reinscrever-se como desejante. Como afirma Miller (1998, n.p.), “o real não cessa de não se escrever”, mas é precisamente nesse intervalo que a linguagem opera sua função de amarração.

O conto, ao estruturar-se em torno de uma linguagem simbólica rica e poética, oferece à moça — e ao leitor — a chance de elaborar aquilo que não pôde ser dito diretamente. O texto de Colasanti (2004), com suas imagens delicadas e recorrências narrativas, funciona como uma “escrita do inconsciente”, nos termos de Cixous (1995), em que a palavra não é apenas veículo de comunicação, mas espaço de resistência e inscrição do sujeito. A clausura, nesse sentido, não é apenas morte, mas também condição de possibilidade para a emergência de uma nova subjetividade.

Ao final, mesmo diante da quase dissolução, resta à moça a potência da linguagem — não aquela da ordem, da lógica ou da fala clara, mas a linguagem fragmentária, simbólica, pulsional. O tear, símbolo da criação, pode tornar-se também instrumento de reescrita, desde que o sujeito aceite a presença do Outro e a incompletude constitutiva de sua condição. A literatura, nesse processo, funciona como o ponto de retorno ao simbólico: é no texto que o sujeito dividido encontra a possibilidade de dizer o que, em sua experiência vivida, permaneceu recalcado ou silenciado.

6. Considerações finais

A análise de “A moça tecelã” sob a luz da psicanálise revela como a linguagem literária pode figurar conflitos inconscientes de maneira sutil e simbólica. A protagonista constrói, com seus fios, uma fortaleza contra a dor e a perda, mas também se enreda em sua própria armadilha. A literatura, ao oferecer essa imagem poderosa, permite ao leitor refletir sobre os modos de constituição da subjetividade e os caminhos de elaboração psíquica que a arte pode propiciar.

O conto de Marina Colasanti é, assim, um convite à leitura simbólica da experiência humana, em que os fios do inconsciente podem ser tecidos em palavras e, com elas, em compreensão de si e do outro.

Agradecimentos

A Deus, por nos conceder saúde e capacidade para pesquisar e produzir trabalhos científicos e, assim, contribuir com a comunidade acadêmica e disseminar conhecimento.

À Revista, pela grata oportunidade de divulgar nosso estudo.

À UFMA e à UEMA, pelos aprendizados e pela qualificação.

À nossa família, pelo apoio e incentivo, e aos nossos amigos, obrigada!

Referências

BIRMAN, Joel. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. 6. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

CIXOUS, Hélène. O riso da Medusa. Tradução: Claudia Schilling. *Revista do Núcleo de Estudos de Gênero – PAGU*, Campinas, n. 5, p. 25-45, 1995.

COLASANTI, Marina. A moça tecelã. In: COLASANTI, Marina. *Doze reis e a moça no labirinto do vento*. São Paulo: Global, 2004.

FREUD, Sigmund. O inconsciente (1915). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 12. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer (1920). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

FREUD, Sigmund. Inibição, sintoma e angústia (1926). In: FREUD, Sigmund. *Obras completas*. v. 17. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

KRISTEVA, Julia. *Poderes do horror: ensaio sobre a abjeção*. Tradução de Maria Cristina Franco Ferraz. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 3: as psicoses (1955-1956)*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise (1964)*. Tradução de Maria de Fátima Murad. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

MILLER, Jacques-Alain. *O osso do real*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

ROUDINESCO, Élisabeth. *Por que a psicanálise?* Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

WOOLF, Virginia. *Um teto todo seu*. Tradução de Vera Ribeiro. São Paulo: Nova Fronteira, 2002.